



Enquanto o IDH do País alcança índice de alto padrão, o brasileiro muda hábitos de compra buscando melhorar qualidade de vida

O Brasil deixa o grupo de países com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e passa a integrar o grupo de elite, com uma pontuação de 0,800, posicionando-se na 80ª colocação. Para uma pequena parcela da população, isso é motivo para comemoração. No entanto, para a grande maioria dos brasileiros, esses números não significam muita coisa. Para eles, o importante é o que acontece com suas contas no final do mês. E mes-

mo que eles não imaginem isso, a evolução do País no índice de IDH está intimamente relacionada com o dia-a-dia de famílias de todas as classes sociais.

Quanto aos itens analisados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (Pnud) – saúde, renda e educação das faixas mais pobres da população –, a renda foi o fator que mais deu força para o País ganhar sua alta pontuação. O PIB per capita do País passou de US\$ 8,195 (por paridade do poder de compra) em 2006 para US\$ 8,402 no ano passado. Uma parcela de US\$ 130 desse valor se deve à revisão dos dados pelo Pnud. Ainda assim, a renda subiu US\$ 77 em um ano.

Para Marcelo Neri, pesquisador do Centro de Políticas da Fundação Getúlio Vargas, esses números serão ainda mais positi-

vos neste ano. Ele lembra que o IDH divulgado se baseia em dados de 2005. "O presente ano mostrará mais claramente a elevação do Brasil e explicará parte do aumento do consumo por efeito de um aumento ainda mais significativo da renda", comenta. Ainda que o desenvolvimento do Brasil ocorra em passos lentos, e que itens como, por exemplo, educação e saúde não apresentem melhoras relevantes nos últimos dados obtidos pelo Pnud, Nero acredita que o País não terá problemas no futuro e que a situação é ascendente.

A pesquisa "Mais consumo, melhor condição de vida", realizada pela LatinPanel, aponta que a renda média dos brasileiros cresceu 5% em comparação com 2006 e chegou a R\$ 1.417. Em 2005, os domicílios gastavam 3% mais do que ganhavam. No ano passado, esses lares

equilibraram suas contas e conquistaram um superávit de 2% ao mês. Só em 2007 eles alcançaram a tranquilidade de ganharem 3% mais do que gastavam mensalmente. "No ano passado, a situação ficou ainda melhor e, com mais dinheiro no bolso, as famílias e domicílios ampliaram seu poder de compra", comenta a diretora de Atendimento e Inovação, Margareth Utimura.

Foram as classes A e B as que tiveram o maior crescimento de renda. Segundo a LatinPanel, elas se sobressaíram graças às aplicações financeiras, comissões e bonificações. As regiões com maior crescimento foram a Centro-Oeste, com 27,4%, o interior de São Paulo, com 7%, a Leste (interior do RJ, MG e ES),

com 3,4%, e as Regiões Norte e Nordeste, com 1,4%. As únicas regiões com queda da renda nas classes A e B foram Grande SP, com -6,6%, o Grande Rio, com -3,2%, e a Região Sul, com -1,9%.

O item de maior expressão de compra nas classes A e B foi o automóvel, com 26% à vista e 13% com financiamento. Mas outros produtos também tiveram aumento de consumo nessas duas classes, como, por exemplo, sopas instantâneas, com 18%, iogurte, com 18%, salgadinhos, com 14%, requeijão, com 12%, bebidas à base de soja, com 10%, e adoçantes, com 7%.

A classe C aumentou sua renda em 4%, e seu gasto mensal familiar subiu 2%. "Mais 285 mil

domicílios passaram a comprar regularmente itens das 70 categorias acompanhadas pela LatinPanel na classe média brasileira", diz Margareth Utimura. Também cresceram os gastos com habitação (12%), saúde (14%) e vestuário (12%). E, para sustentar esse movimento, a classe média teve de recuar (11%) na alimentação dentro do lar. "A classe C apertou na alimentação dentro do lar para satisfazer a outras aspirações de seus membros", conta a gerente de Atendimento da LatinPanel, Verônica Amorim. As classes D e E não ficaram de fora e registraram um aumento de 2% na renda familiar. Tiveram crescimentos expressivos os segmentos de habitação (12%), bebidas



e alimentação fora do lar (18%), e vestuário (13%)

Neri lembra que a distribuição da renda é um fator importante para o crescimento. Apesar do bom desempenho das classes A e B, a distribuição da renda melhorou significativamente desde 2001. Nos primeiros quatro anos, analisa Neri, o crescimento da renda das classes

çamento e reestruturar os costumes dos gastos. O dinheiro foi canalizado para setores da economia que antes não entravam na conta do mês. Habitação, vestuário, alimentação fora do lar e lazer ganharam uma fatia a que antes não tinham acesso. "O consumidor mudou o perfil dos gastos e agora procura itens que proporcionem

a representar 17,8%. Os gastos com os grupos de frutas, verduras e legumes, por um lado, e de aves, carnes, ovos e peixes, por outro, foram, respectivamente, 17% e 15% menores.

Foram produtos mais sofisticados os que ganharam mais penetração e espaço na alimentação dentro do lar. O volume médio de consumo do iogurte



mais baixas foi "chinês" (ele se refere ao expressivo e rápido crescimento da China), mas nos últimos dois anos ele tem ocorrido de modo mais homogêneo. "Os 10% mais pobres da população tiveram crescimento acumulado de 57% em cinco anos, enquanto o restante da população contou com um crescimento de apenas 5,8%. Os pobres são emergentes. Eles têm demandas reprimidas muito fortes."

Por causa dessas altas demandas reprimidas, as famílias não hesitaram em refazer o or-

melhor qualidade de vida", analisa Verônica.

O gasto com habitação cresceu 9% e hoje representa 13,4% do orçamento doméstico na média geral. A classe C teve um salto bastante representativo, de R\$ 2.081 em 2006 para R\$ 2.365 neste ano. Em saúde, os domicílios gastaram 8% mais neste ano do que em 2006; em vestuário, os gastos subiram 11% e em lazer 7%. Em compensação, a alimentação dentro do lar perdeu força e caiu 11%. Com isso, a alimentação fora do lar passou

cresceu 17%, e as bebidas à base de soja subiram 17%, com mais 6 pontos percentuais de penetração. O consumo do molho de tomate aumentou 10% e 6 p.p., e o de salgadinhos aumentou 8%, enquanto o requeijão obteve 7 p.p. Os caldos para tempero aumentaram 6 p.p., as bebidas prontas para beber, 5 p.p., a farinha de trigo, 2 p.p., e os fermentos, 2 p.p. "Os itens básicos foram penalizados para sustentar a expansão do consumo de itens industrializados mais sofisticados", aponta Margareth. (C.M.)